

UniFOA

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA**

**ESTEREÓTIPOS DA SEXUALIDADE HUMANA E SUA
INFLUÊNCIA NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE E.F.**

Pedro Delunardo
Graziele Mendes

Volta Redonda
2017

UniFOA

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA**

**ESTEREÓTIPOS DA SEXUALIDADE HUMANA E SUA
INFLUÊNCIA NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE E.F.**

Pedro Delunardo
Grazielle Mendes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do
UNIFOA como requisito parcial ao
Bacharelato de Educação Física pelos
graduandos Pedro Delunardo e
Grazielle Mendes sob a orientação do
Prof^o Dr. Adilson Pereira.

Orientador: Prof^o Dr. Adilson Pereira

Volta Redonda
2017

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a DEUS pela oportunidade de concluir esta etapa da minha vida.

Ao meu Prof Dr Adilson Pereira por ter aceito nos orientar e tornar possível a elaboração deste trabalho..

Agradeço aos amigos da UNIFOA.

E finalmente, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para viabilização, desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

DEDICATORIA

Este trabalho é dedicado às nossas famílias que tem nos apoiando ao longo destes anos de estudo.
É um momento muito importante para nós, que estamos concluindo uma etapa em nossas vidas.
A todos que nos auxiliaram, o nosso muito obrigado de coração.

Pedro e Grazielle

EPÍGRAFE

“Ser é participar. Quem receia em tomar posição ou quem se resguarda num anonimato discreto não forma uma identidade de ser social, existe apenas. Eu quero participar para marcar a diferença face àqueles que desistem ou se escondem.” (Sampaio, 2011)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar como os estereótipos relacionados à sexualidade humana podem influenciar na construção do perfil do profissional em termos de representação do que esse profissional deveria portar como comportamento e papel social. Para tanto, conceitos advindos da teoria da sexualidade de Freud serão utilizados auxílio na fundamentação das interpretações utilizadas para se verificar como a sexualidade humana seria expressa sob a forma de estereótipos e como esses atuariam sob a forma de crença contribuindo para a discriminação dos sujeitos em sociedade. Assim, acreditamos que sujeitos em sua atuação laboral que, muito embora tenham características produtivas idênticas, seriam tratados de forma diferenciada devido ao seu sexo ou gênero de pertença e, principalmente, em se tratando da imagem corporal, haveria uma exigência velada da denominada boa aparência para o exercício profissional. Nesse sentido, o trabalho procura refletir como diferenças de gênero e sexo produziriam os estereótipos de modo que possamos refletir a postura na atuação dos profissionais de Educação Física.

Palavras-chave: estereótipo comportamental, gênero, sexualidade humana.

ABSTRACT

This research aims to show how stereotypes related to human sexuality can influence the construction of the profile of the professional in terms of representation of what this professional should behave as behavior and social role. To this end, concepts derived from Freud's theory of sexuality will be used as a basis for the interpretations used to verify how human sexuality would be expressed in the form of stereotypes and how these would act in the form of beliefs contributing to the discrimination of subjects in society . Thus, we believe that subjects in their work that, although they have identical productive characteristics, would be treated differently due to their gender or gender of belonging, and especially in the case of body image, there would be a veiled requirement of the so-called good looks for professional practice. In this sense, the work tries to reflect how gender and sex differences would produce the stereotypes so that we can reflect the posture in the performance of Physical Education professionals.

Keywords: behavioral stereotype, gender, human sexuality.

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente é necessário compreender o que venha ser sexualidade, que segundo estudiosos da área, pois está sendo considerada como uma parte importante do ser humano precisando ser compreendida em todos os seus sentidos e devendo ser tratada à nível de tema e área de estudo e conhecimento. Um dos primeiros filósofos a levantar a questão sobre a sexualidade foi Sigmund Freud (COSTA & OLIVEIRA, 2011)

Ainda segundo Costa & Oliveira (2011) Freud desenvolveu a teoria da sexualidade infantil, a partir de tratamentos clínicos, observando transtornos psicológicos apresentados por seus pacientes adultos que teriam início causados na infância. Naquela época ele pesquisava e atendia procurando um tratamento para o distúrbio de histeria. Desta maneira entende-se que a criança não era o interesse muito menos a área pretendida por Freud, na verdade o que interessava era a busca na solução dos problemas emocionais de seus pacientes. Estabelecer a diferença do que seja sexo e sexualidade é importante para que possamos apresentar esta pesquisa. Estereótipos sexuais são formados em um contexto cultural estabelecendo padrões masculinos e femininos por meio de processos educacionais começando inclusive no ambiente familiar. Segundo Whitaker (1995) as crianças são educadas a partir de estímulos oferecidos pelos adultos que suscitam comportamentos diferentes, dependendo do gênero ao qual pertencam.

Whitaker (1995) afirma que há quatro fatores na socialização das crianças que reforçam a educação sexista: (a) orientação espacial, (b) autoestima e autoconfiança (c) aspirações e expansão do eu (d) habilidade e experiências gerais e que já na a gravidez existem as expectativas do que é ser menina ou menino e são manifestadas. Após o nascimento, essas expectativas vão se configurando em uma educação baseada nas diferenças e desigualdade e as crianças ao serem educadas para desempenhar papéis em conformidade com o gênero ao qual pertencem, estariam se identificando e reproduzindo as diferenças sociais entre o feminino e o masculino.

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar como a sexualidade humana pode ser entendida numa visão da psicanálise desenvolvida por Freud e analisar como os estereótipos relacionados à sexualidade humana do profissional de educação física teriam influência sobre a atuação sobre os mesmos, sendo desenvolvida a partir de literatura em sites e em livros, não havendo pesquisa de campo ou mesmo observacional.

2. SEXUALIDADE: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A Organização Mundial de Saúde (1975 apud EGYPTO, 2003) tem por base que a sexualidade é parte integrante da personalidade humana e é uma necessidade básica da existência e um aspecto inerente do indivíduo não podendo ser dissociados dos outros existentes. Ainda de acordo com a Organização Mundial da Saúde (1975 apud EGYPTO, 2003) tanto a saúde física e a saúde sexual também deveria ser considerada como direitos fundamentais do ser humano.

Segundo Rocha (2013) o primeiro grande conceito desenvolvido por Freud (1856-1939) foi o de Inconsciente, onde ele afirma que Freud através de estudos relacionados ao pensamento teórico, assume que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. E enxergava ainda mais longe, afirmando também que nada acontece por acaso, incluindo os processos mentais, e que sempre existe uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Ainda segundo Rocha (2013) aborda num estudo de Freud nos esclarece que cada evento mental tem relação à intenção consciente ou inconsciente que foi determinado pelos fatos que o precederam (determinismo psíquico).

Às vezes, alguns eventos mentais podem parecer que ocorrem espontaneamente e, sendo assim, Freud iniciou estudos e descreveu que existem elos ocultos que ligam um evento consciente a outro e claro, chegando a uma conclusão de que quando um pensamento ou sentimento, embora pareça não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precederam, mas significa que existem conexões armazenadas no inconsciente. E quando estes elos inconscientes vêm à tona, essa aparente descontinuidade está resolvida. O consciente é apenas a ponta do *iceberg*.

Freud, em seus estudos e na investigação na prática clínica sobre as causas e o porquê das neuroses, descobriu que a grande maioria de pensamentos e desejos reprimidos estariam relacionados aos conflitos de natureza sexual, identificados nos primeiros anos de vida dos pacientes, isto é, é na infância que estão as experiências de caráter traumático, reprimidas, e que mais tarde se manifestam como origem dos sintomas atuais e, confirma-se, desta forma, que as ocorrências deste período da vida deixam marcas profundas na estruturação da personalidade. Em outras palavras, tudo que acontece de bom ou de ruim na infância, pode manifestar-se na vida adulta porque ficam registrados no inconsciente do ser humano.

Segundo Beazorti (1993) sexualidade é assunto complexo, controvertido e de conceituação difícil. Tem sido alvo de tabus, repressões, distorções e tentativas de reduzi-la a um sinônimo de genitalidade e de reprodução. Ela serve para dar ideia de sentimentos elevados como o amor e a paixão, e permite que outros sentimentos também como a agressividade e a violência, manifestam-se através dela.

Segundo Guedes e colaboradores (2004), a sexualidade humana é considerada bastante complexa e determinada pela interação de múltiplos aspectos correlacionados e que estão sob a influência da pressão de uma ação cultural dos diversos setores de nossa sociedade. No decorrer da história da formação do homem contemporâneo ocidental, é justificável, ainda, termos no começo do século XXI muitas questões relacionadas a este aspecto da personalidade humana, causando dificuldades e confrontos dentro dos diversos setores de nossa sociedade e, inclusive entre os próprios educadores.

Este fato pode estar relacionado com o interesse da ciência pela sexualidade humana ter ocorrido apenas nos últimos anos do século XIX, impulsionado pelos estudos de Freud. Foi nesta época que novas perspectivas e abordagens psicológicas ganharam formas e estão sendo discutidas tanto nos meios acadêmicos quanto no social.

Para que possamos compreender as discussões atuais relacionadas à sexualidade e, em especial, aquelas que ocorrem dentro do ambiente escolar, é necessário uma busca de autores renomados cujas teorias contribuíram para a formação de nossas diversas perspectivas sobre a sexualidade humana atualmente.

Buscando novos conceitos para a sexualidade, encontra-se respaldo em Michel Foucault (1926-1984) considerado um dos filósofos/psicólogos mais proeminentes de sua época. Em suas ideias alerta que a Sociedade vive, desde o séc. XVIII, uma fase de repressão sexual. Em seus estudos, afirma, sendo essa “repressão” onde o sexo se reduz à sua função reprodutora e o casal é considerado “modelo”. Todo o resto é considerado “amor mal”, ou seja, é expulso, negado e reduzido ao silêncio. Mas a sociedade burguesa adota um falso moralismo, sendo forçada a permitir algumas práticas. Ela aceita que as sexualidades ilegítimas vinculadas a determinados lugares onde possam dar lucros, numa época em que o trabalho é muito explorado, onde a energia destes trabalhadores não podem ser utilizadas nos prazeres carnavais.

Foucault (1997) denominou essa repressão de hipótese repressiva, mas ele coloca abaixo esse pensamento e formula uma nova hipótese, mostrando que certas explicações funcionam,

mas que elas não devem ser consideradas como as únicas verdadeiras. A hipótese repressiva não pode ser questionada já que serve para a sociedade atual. O importante é formular, em termos de repressão, as relações de sexo e poder por muitos motivos. Sendo que o primeiro porque, se o sexo é reprimido, o simples fato de existir essa repressão e também falar do sexo possibilitariam ultrapassar todos os limites. Afinal, se aceitamos a hipótese repressiva, poderá ser vinculada a revolução e prazer, podendo falar num período em que tudo parece ser bom: o da liberação sexual. Alguns conceitos como sexo, revelação da verdade, inversão da lei do mundo, são hoje relacionadas entre si. Mas insiste-se na hipótese repressiva porque dessa forma, tudo o que se diz sobre sexo ganha valor mercantil.

Ainda segundo Foucault (1997), o exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico, o controle familiar que tem como objetivo aparente a vigilância e repressão dessas sexualidades, que até pode funcionar na verdade, como meios de incitação: prazer e poder.

3 INFLUÊNCIA DA SEXUALIDADE NOS ESTEREÓTIPOS COMPORTAMENTAIS

Os estereótipos são crenças socialmente compartilhadas a respeito dos membros de uma categoria social, que se referem a suposições sobre a homogeneidade grupal e aos padrões comuns de comportamento dos indivíduos que pertencem a um mesmo grupo social. Sustentam-se em teorias implícitas sobre os fatores que determinam os padrões de conduta dos indivíduos, cuja expressão mais evidente encontra-se na aplicação de julgamentos categóricos, que usualmente se fundamentam em suposições sobre a existência de essências ou traços psicológicos intercambiáveis entre os membros de uma mesma categoria social. (D'AMORIM, 1985)

Segundo D'Amorim (1985) quando estudamos estereótipos de gênero devemos conhecer a diferença entre sexo e gênero. O termo sexo refere-se à composição cromossômica do indivíduo e ao tipo de aparelho reprodutor dela resultante, ou seja, se homem ou mulher. O seu significado foi expandido de modo que identifique características psicológicas e comportamentais, consideradas típicas de homens e mulheres. Podemos verificar é que, ao falar de diferenças de sexo ao nos referirmos a determinados traços de personalidade, estamos, na verdade, utilizando símbolos de caráter social, cuja base são os valores de grupo.

Os autores mais recentes a preferirem o termo gênero, ao falarem de aspectos psicológicos e comportamentais; a distinção torna menos provável atribuição sistemática das diferenças encontradas entre mulheres e homens a fatores biológicos porque estavam causando muita controvérsia.

O termo gênero é definido como a relação que a sociedade em diferentes culturas e momentos históricos atribuiu às características estabelecidas para homens e mulheres, como sendo próprias de seres masculinos e femininos. Essas características se configuram em um padrão de conduta, que influenciará na formação de valores, crenças, traços de personalidade, comportamentos, habilidades, enfim, na representação do papel a ser desempenhado.

Convocada pela OMS em 2002 foi elaborada uma definição que reflete uma evolução na compreensão de conceitos e embora não representem uma posição oficial da OMS e que está disponível no referido sitio que foi elaborada por especialistas internacionais que se segue abaixo:

A sexualidade refere-se a uma dimensão central do ser humano que inclui sexo, gênero, identidade sexual e de gênero, orientação sexual, erotismo, apego emocional/amor e reprodução. Ela é vivenciada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. A sexualidade é o resultado da interação de fatores biológicos, psicológicos, socioeconômicos, culturais, éticos, religiosos e espirituais (OMS, 2002).

Os aspectos que afetam a nossa vida pessoal e profissional estão diretamente relacionados com o fato de sermos do sexo feminino ou do sexo masculino. As percepções que as pessoas têm de si e dos outros, as características de personalidade, os interesses e os comportamentos que pensam ser adequados para o homem e para a mulher, e outros aspectos como o vestuário, a aparência e a linguagem, assim como a estruturação das relações interpessoais, são influenciadas pelo gênero (VIEIRA, 2006).

Para entender a sexualidade, não basta falar de anatomia e fisiologia sexuais, é também necessário falar de psicologia (sexual), da cultura e da sociedade em que cada pessoa está inserida. Neste contexto, a sexualidade, como realidade complexa, não pode ser definida tendo por base um único ponto de vista, uma só ciência, porque o que a sociedade conhece sobre sexualidade é fruto de várias teorias de ciências distintas (LÓPEZ E FUERTES, 1999).

Esclarecendo os termos “sexo” e “gênero”, a WHO (2012c) afirma que, enquanto o “sexo” se refere às características biológicas e fisiológicas que definem homens e mulheres, o “gênero” significa que os papéis construídos socialmente, comportamentos, atividades e atributos que uma sociedade estabelecida como aqueles adequados para homens e mulheres. O estereótipo relacionado ao gênero pode ser considerado como construção cultural e social e, como tal, sua representação e disseminação pelos meios comunicacionais é responsável pela construção de ideais sociais, valores, estereótipos e preconceitos. No entanto, devemos ter em consideração que a influência dos genes e do ambiente sobre o comportamento humano se expressa pela interação de ambos.

Conforme Vieira (2006, p. 21) esclarece que o termo “sexo” é utilizado “(...) para mencionar e comparar os indivíduos com base em uma das duas categorias demográficas possíveis, em virtude das suas características biológicas: sexo masculino e sexo feminino.” O termo “gênero” é empregado “(...) para referir os julgamentos, as percepções, as atribuições e as expectativas, expressas tanto pelo próprio indivíduo, como pelas outras pessoas, partindo da categorização anteriormente referida.”

A sexualidade, enquanto expressão do ser humano vai além da genitalidade, contemplando valores, ações e concepções construídas socialmente e incorporadas no modo como a pessoa vivencia o seu corpo, prazeres e desejos (SPAZIANI; MAIA, 2010). O gênero, como conceito contempla os seguintes aspectos que ao longo de nossa existência somos vistos como homens ou mulheres, por conta até das inúmeras instituições e práticas sociais, através de um processo inacabado e irregular; existindo variadas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade, sendo levado em consideração: tempos, lugares e circunstâncias específicos; análises e intervenções devem considerar as relações de poder entre mulheres e homens e as variadas formas sociais e culturais que os constituem como sujeitos de gênero. Sabe-se que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e as políticas de uma sociedade são constituídas e trespassadas por representações do feminino e do masculino que, simultaneamente, produzem, mantêm ou dão outro significado a essas representações (MEYER, 2008).

Segundo Oliveira (2008), o conceito de gênero é estereotipado quando está baseado em papéis socialmente construídos e atribuídos a homens e mulheres. Tais papéis são delineados por conta da sociedade e sendo influenciados por fatores sociais e, econômicos sendo relacionado sobretudo, com a classe social a qual pertence, esse tipo de estereótipo é muito

divulgado pelas mídias. Estereótipos étnicos e culturais se referem às raças, etnias e culturas ou seja quando pensamos num chinês, logo atribuímos diversos juízos de valor, como se todos os chineses fossem iguais e comessem cachorro e gato, ou que todos os árabes são terroristas, os portugueses são burros ou as brasileiras são oferecidas. Além disso, e não menos importante, está aquele estereótipo associado a cor da pele, em que os negros e asiáticos são taxados de diversas maneiras pejorativas. Ainda existem os estereótipos religiosos em que se acreditam que uma determinada religião ou credo onde os valores e costumes de uma religião que a maioria não praticam são postos em causa e, a partir daí, uma crítica é lançada a qualquer pessoa que professa essa religião. Esta crítica, em alguns casos, se estende a coisas que não têm nada a ver com a adoração, apresentando ironia: nos países que mais aparecem são nos países religiosos, onde a religião oficial geralmente é intocável e inquestionável. Estereótipos políticos significa que a difusão maciça do pensamento de alguns políticos faz com que qualquer pessoa que pertence ou concorda com ele, derrame instantaneamente suas opiniões e perca os critérios para elaborar seus próprios pensamentos. Uma ironia aparece, que obviamente ninguém nasceu com a ideologia, então ele teve que tomar a decisão racional de apoiá-lo.

Para Louro (2003, p.77), o gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Ou seja, não é a diferença sexual de homens e mulheres que delimita as questões de gênero, mas sim a maneira como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

4 ANÁLISE DOS ESTEREOTIPOS COMPORTAMENTAIS E SUA INFLUÊNCIA NO PERFIL DOS PROFISSIONAIS

Neste capítulo faremos uma análise de como os estereótipos podem influenciar a construção dos perfis dos profissionais e nesse caso, Ruth Amossy (2008) e Maingueneau (2008), quando abordaram o conceito de estereótipo, ressaltam que este é uma representação cultural preexistente, que modela a visão de si, do locutor e de sua plateia. Desta forma, o locutor situa seu discurso relacionado com o público e suas características sociais, étnicas e políticas. Maingueneau (2008, p.65) acrescenta ainda que a incorporação de um *ethos* pelo ouvinte se dá num “mundo ético”, ou seja, por “um estereótipo cultural que se apresenta determinando número de situações estereotípicas associadas a um comportamento”. Logo, temos o mundo ético dos executivos, das celebridades etc.

Continuando nossa análise podemos perceber que grande parte das pessoas constrói relações afetivas diferentes da relação heteronormativa, intitulada como única pela sociedade durante séculos. A ideia se perpetuou por muitos anos onde as relações afetivas e/ou sexuais poderiam acontecer somente entre pessoas de sexos biológicos diferentes, determinadas historicamente pelas religiões cristãs e pela ciência, e constituiu normas e padrões de gênero e sexualidade que influenciam de forma extremamente profunda os valores culturais e sociais.

A identidade de gênero está relacionada com a construção social do ser homem e do ser mulher, ou seja, como o homem e a mulher se percebem socialmente, representações que vão se construindo tendo como base as relações afetivas e sociais. O conhecimento acerca dessas identidades nos remete a uma hierarquização de valores instituída socialmente, que separa homens e mulheres a partir de suas características biológicas, padronizando comportamentos masculinos e femininos. Esta normatização não respeita a individualidade de cada pessoa e a diversidade de gênero e sexualidade existentes, gerando um imaginário simbólico que colabora com a oposição entre homem e mulher, onde ambos são classificados como diferentes/opostos.

Numa análise mais profunda podemos perceber que a aparência física tem um papel primordial na formação e no desenvolvimento dos estereótipos, dado que é a forma mais simples de distinguir e homogeneizar os membros de um grupo (ZEBROWITZ, 1996).

As aparências não remetem unicamente às características objetivas de um indivíduo classificado dentro de uma categoria; elas dependem, igualmente, do status socioeconômico real ou suposto e da situação de interação. De acordo com Cunin (2003) onde ressalta que a cor da pele, mais do que um atributo objetivo inerente aos indivíduos pode ser percebida como um produto da interação e um vetor de classificação social do outro. Já Gomes (2003) assinala que a aparência física favorece significações e tensões construídas no contexto das relações raciais e do racismo brasileiro.

No mercado de trabalho, os estereótipos contribuem para a discriminação quando os trabalhadores que têm características produtivas idênticas são tratados de forma diferente devido ao seu grupo de pertença (GILBERT, CARR-RUFINO, IVANCEVICH & LOWNES-JACKSON, 2003); (WEICHSELBAUNER, 2004).

Um exemplo relevante de discriminação fundada em estereótipos é a exigência da boa aparência para determinados cargos. Os jornais de grande circulação publicavam até os anos

noventa anúncios de emprego que traziam de forma flagrante este critério para o preenchimento das vagas de emprego, sobretudo quando envolviam alguma forma de contato com o público. As empresas deixavam explícito que além da formação acadêmica, experiência profissional e a competência técnica, a aparência física era fundamental para a contratação do candidato.

4.1 INFLUÊNCIA DOS ESTEREOTIPOS COMPORTAMENTAIS NO PERFIL PROFISSIONAL DO EDUCADOR FÍSICO.

Segundo Fonseca (2016), o curso de Educação Física é um dos mais escolhidos por pessoas que se identificam e se interessam pela saúde e encontram nestas atividades uma fonte para investir em qualidade de vida e bem-estar e quem sabe também na área financeira.

Diferentemente das outras áreas, o curso de Educação Física tem duas modalidades bastante distintas: licenciatura e bacharelado. A primeira tem como direcionamento o conhecimento científico e didático-pedagógico, principalmente na reflexão filosófica e na conduta ética. O Bacharelado tem foco na formação do graduado para exercer funções no mercado de trabalho. Todo o curso visa à capacitação do aluno, desenvolvendo habilidades dentro da área de atuação que envolve o curso. O concluinte do curso, caso queira, pode também ministrar aulas no ensino superior, mas para isso é preciso que o profissional seja, pelo menos, pós-graduado. (FONSECA, 2016)

O interesse mais relevante é justamente despertar o profissional de maneira que ele desenvolva uma capacidade mais crítica acerca da realidade social e dessa nova ideologia, e também ser um indivíduo capaz de interagir com os outros cidadãos de forma eficiente, ou seja, com responsabilidade e compromisso.

Segundo Fonseca (2016), a Educação Física oferece inúmeras possibilidades de trabalho. Há vagas no mercado para *personal trainer* individual, ou ser o professor responsável por uma academia. Essa função pode ser exercida com pessoas de várias faixas etárias, sendo, portanto, uma área bem ampla. Em média, um profissional recebe R\$900,00 por mês, por 20 horas semanais. O valor varia bastante, de acordo com o local de trabalho e o estado, pois não há um piso fixo para categoria.

Para atingir o mercado de trabalho e ter sucesso, é importante que o profissional tenha em mente precisa desenvolver algumas atitudes construtivas como: ser dinâmico e prestativo, gostar de lidar com pessoas, ter carisma e ser criativo na hora de elaborar

atividades. Saber outra língua é um diferencial, principalmente para poder participar em eventos esportivos como as Olimpíadas (FONSECA, 2016).

Os novos PCN de Orientação Sexual consideram a disciplina Educação Física como uma das mais preparadas e atuantes num espaço privilegiado de atividade pedagógica quando se trata de questões que envolvem a orientação sexual. Nas atividades de educação física é sempre focado o "uso do corpo" e a tematização da "cultura corporal", que são considerados atributos que visam facilitar a transmissão de conhecimentos sobre o corpo, relações sobre gênero e interações com a sexualidade (BRASIL, 2000)

O PCN de Orientação Sexual cita a disciplina de Educação Física atuante num ambiente ideal onde pode levantar questões sobre esse tema. Nas atividades de Educação Física existem ambientes que são destinados a momentos agradáveis e atividades envolvendo o corpo e a descoberta de relações de gênero, mas esta disciplina ainda privilegia ideias que segundo alguns estudiosos, são autoritárias e conservadoras enfatizando o autocuidado, visando também a “disciplinarização” dos envolvidos e na consequente regulação de sua sexualidade e com a constante preocupação e ao mesmo tempo focada na necessidade de prevenção de doenças e em manter uma qualidade de vida com saúde. Não devemos esquecer que os conhecimentos sobre o corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, são construídos ao mesmo tempo com o desenvolvimento de práticas corporais dando respaldo para o desenvolvimento de hábitos saudáveis relacionados à alimentação, higiene e atividade corporal que permitem compreendê-los como direitos humanos fundamentais. A partir da formação de hábito de autocuidado e de construção de relação interpessoal devem propiciar para que a dimensão da sexualidade seja integrada de maneira prazerosa e segura (BRASIL, 2000)

Braga (2006) ressalta que tudo que possa ser aprendido sobre sexo em sala de aula, será utilizado para a compreensão e efetivação de um modelo de educação sexual que busca prevenir, normatizar e higienizar a sexualidade, onde é sugerido que existem diferenças sexuais que foram fundamentadas histórica e socialmente, mas estas diferenças sexuais levam criança a se descobrir menino ou menina através desse paradigma.

Não deve ser levado em conta, é a discussão acerca da gênese e constituição do gênero, e sim como esta disciplina poderá contribuir diante das discriminações e o

questionamento de estereótipos associados ao gênero, relacionados ao surgimento de situações que se fazem necessárias soluções a respeito (BRASIL, 2000).

Continuando a análise desses estereótipos que podem influenciar na construção dos profissionais, consideramos importante ressaltar também sobre o profissional da Educação Física que a partir desta imagem do corpo que nos é apresentando e o modo de como nós mesmos nos vemos e que somos influenciados pelo meio que estamos inseridos e de como agimos em cada situação que enfrentamos ao longo de nossas vidas. Estabelecer uma imagem corporal verdadeira é um fator importante para a aquisição de outras qualidades e de estarmos inseridos em determinados níveis sociais, também em grupo urbanos. Então um bom autoconceito de imagem corporal pode ser útil no equilíbrio emocional influenciando positivamente diretamente na autoestima.

Devemos conceituar imagem corporal que vem a ser a figura de como o próprio corpo é formado e estruturado na mente deste indivíduo, que é a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. É definido como o conjunto de sensações sinestésicas construídas pelos sentidos (audição, visão, tato, paladar), oriundos de experiências vivenciadas pelo indivíduo, onde o referido cria um referencial do seu corpo, para o seu corpo e para o outro, sobre o objeto elaborado (MATARUNA, 2004).

Nos últimos tempos, a Educação Física está sendo muito valorizada pela sociedade. As mídias impressas (jornais e revistas), eletrônicas (TV e rádio) e on-line (sites noticiosos) estão publicando diversas reportagens, matérias, artigos relacionados à saúde e o bem estar, ressaltando a importância da prática da atividade física sendo ela orientada, de preferência por um profissional capacitado, o Profissional de Educação Física (FONSECA, 2016)

O professor de Educação Física é responsável por trabalhar o desenvolvimento físico com inúmeros exercícios específicos para partes específicas do corpo, sendo responsável também por oferecer atividades de recreação, educação ou reeducação dos movimentos através do exercício físico e por fortalecer os subsídios que ajudam o condicionamento físico de pessoas de todas as faixas etárias, e também para os atletas de todos os níveis, desde amador até o alto rendimento (FONSECA, 2016).

Enfim, este profissional é o mais capacitado e qualificado para atender os interessados em adquirir ou manter a saúde em dia e promover qualidade de vida através de exercícios específicos às pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre estereótipos é algo muito complexo e profundo, necessitando de amplas pesquisas e muito entendimento até mesmo historicamente, pois precisamos nos situar no tempo e espaço de como sobre como surgiram os diversos conceitos sobre os estereótipos e de como vem influenciando a vida das pessoas desde muito tempo.

Relatamos em nossas pesquisas que a cada época havia um padrão relacionado a imagem corporal ligado a sexualidade. E essa sexualidade onde o pesquisador Sigmund Freud fez relatos acerca dos pacientes atendidos, sendo seguidos por muitos outros.

Percebemos que os estereótipos tanto de sexo e de gênero influenciam na construção do perfil de profissionais no mercado de trabalho. Antes era exigido boa aparência para ocupação de alguns cargos, e era estabelecido um padrão diferenciando homens e mulheres para ocupação de cargos e funções. E estes padrões ainda persistem nos dias de hoje, onde existe discriminação acerca da orientação sexual do indivíduo.

Os estereótipos podem influenciar na vida pessoal, mas mais intensamente no mercado de trabalho, diferenciando as pessoas. E como esta pesquisa é relacionada com a Educação Física e seu profissional, concluímos que este profissional, por atuar diretamente com a imagem pessoal das pessoas, e por ser esta disciplina privilegiada nos PCNs tem grandes possibilidades de influenciar na construção dos estereótipos relacionados à sexualidade e de preferência positivamente, vindo a despertar nas pessoas o sentido de aceitação por parte da sociedade quanto à orientação sexual de cada um.

REFERENCIAS

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

ASHMORE, R. A. e DEL BOCA, F. K. (1986) Toward a social psychology of female-male relations. Em R. A. Ashmore & F. K. Del Boca (Eds.). *The social psychology of female-male relations. A critical analysis of central concepts*. New York: Academic press, 1-17.

BEARZOTI, Paulo. SEXUALIDADE: UM CONCEITO PSICANALÍTICO FREUDIANO

BRAGA, Andréa Vieira. Identidade sexual e cultura escolar: uma crítica à versão de sexualidade contida nos PCN. *Revista Iberoamericana de Educación*. Argentina: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 2006, nº 40/2.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2000

COSTA, Elis Regina da; OLIVEIRA, Kenia Eliane de; A SEXUALIDADE SEGUNDO A TEORIA PSICANALÍTICA FREUDIANA E O PAPEL DOS PAIS NESTE PROCESSO. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí; UFG*, 2011

<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287>

CRACKED; Cinco estereótipos de gênero que costumavam ser o exato oposto; outubro 30, 2012;

<https://escritosfeministas.wordpress.com/2012/10/30/cinco-estereotipos-de-genero-que-costumavam-ser-o-exato-oposto/>

D'AMORIM, M.A; Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros; Universidade Gama Filho; 1985

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010

EGYPTO, Antônio Carlos. Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante: o projeto de orientação na escola. (org). Clara Regina Rappaport. São Paulo. EPU, 1981. 144 p. **FIORI, Wagner da Rocha.** Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico. São Paulo. Cortez, 2003. 92 p.

FONSECA, Ana Flavia; A importância do profissional de Educação Física; 2016

<http://blog.unipe.br/graduacao/importancia-profissional-de-educacao-fisica>

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: à vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997, v. I

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

_____ Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III) 1915-1916. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XVI. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro. 17

GUEDES, Cristiane de Paula; NASCIMENTO, Karina Cataldo Silva do; ARAÚJO, Mariana Pucca de; SANTOS, Marina de Mello e; NETO, Patrícia de Carvalho; A Sexualidade Humana na perspectiva sócio-histórica de Vygotsky; 2004

http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2004/ep127/Sexualidade_a.htm

HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAUU8AC/resumo-historia-sexualidade-i>

LOURO, G. (2003). *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista* (6.^a ed.). Petrópolis: Editora Vozes. Retirado a 21 de dezembro, 2011, de <http://educacaoemhomofobia.files.wordpress.com/2009/03/nuh-educacao-generosexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>

LÓPEZ, F. & FUERTES, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: APF (Associação para o Planeamento da Família)

MAINGUENEAU, D. Termos-chave da análise do discurso. Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

- *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008

MARTINEZ, M.; Estereótipo; <http://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>

MEYER, D. E. (2008). *Gênero e educação: teoria e política*. In G. Louro, J. Felipe, S. Goellner (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade* (pp.9-27) (4.^a ed.) Petrópolis: Editora Vozes

OUTEIRAL, José Ottoni. Sexualidade Começa na Infância: Educar nos tempos de hoje. Silva, Maria C. Pereira (org). Casa do Psicólogo. São Paulo, 2006. 123 p.

PIERRO, Bruno de; Estereótipos de gênero explicam baixa participação de mulheres em certas áreas da ciência, conclui estudo; 27 de abril de 2015 568 0; <http://www.revistaforum.com.br/2015/04/27/estereotipos-de-genero-explicam-baixa-participacao-de-mulheres-em-certas-areas-da-ciencia-conclui-estudo/>

RIBEIRO, Cláudia. A Fala da Criança Sobre Sexualidade Humana: o dito, o explícito e o oculto. Mercado das Letras. São Paulo, 1996. 145 p.

ROCHA, Silvia. Teoria da Sexualidade segundo Freud, 2013,

<https://chasqueweb.ufrgs.br/~luciane.real/trilha/fasesdodesenvolvimento/teoriadasexualidade.htm>

SALES-OLIVEIRA, C., et al (2016), “Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior”, en *Revista Iberoamericana de Educación Superior (RIES)*, México, UNAM-IISUE/Universia, vol. VII, núm. 19, <https://ries.universia.net/article/view/1143/estereotipos-genero-sexismo-em-docentes-do-ensino-superior>

SANTIAGO, Rodrigo; <https://horadotreino.com.br/profissional-educacao-fisica/>

SPAZIANI, R. & **MAIA**, A. (2010). Sexualidade infantil na percepção dos pais e das mães. In F. Teixeira, I. Martins, P. Ribeiro, I.

SILVA, Regina Célia P.; **NETO**, Jorge M. Formação de Professores e Educadores para Abordagem da Educação Sexual na Escola: o que mostram as pesquisas. Ciências & Educação, v12, n2, p. 158-197, 2006. Disponível em: WWW.caps.com.br.

WHITAKER, D. C. A. Menino - Menina: sexo ou gênero? In: **SERBINO**, R. V.; **GRANDE**, M. A. R. L. (Org.). A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural. São Paulo: Unesp, 1995, p. 31-52.

WEREBE, M. J. G. Sexualidade, Políticas e Educação. Autores e associados. São Paulo, 1998. 217 p.

WHO (2006). Defining sexual health. Report of a technical consultation on sexual health. Geneva, 28-31 January 2002. Geneva: World Health Organization. Retirado a 29 de abril, 2012, de

http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender_rights/defining_sexual_health.pdf

WHO (2012a). Sexual and reproductive health. Gender and human rights. Copenhaga: World Health Organization. Retirado a 29 de abril, 2012, de http://www.who.int/reproductivehealth/topics/gender_rights/sexual_health/en/